

# 'A luta LGBT é força motriz para aqueles que entendem a luta por vida e por futuro como uma só'

Ludmila Oliveira Matos Brasil



A luta dos LGBTs nasce da revolta pelo direito de viver, amar e ser o que se é.

Nossa luta defende, mais do que tudo, a capacidade de exercer nossos direitos livremente, em igualdade com qualquer outro cidadão. Em paralelo à resistência LGBT, o movimento estudantil se desenvolve a partir da luta pelo direito de defender o futuro e a organização dos estudantes e se forma defendendo o direito ao futuro, defendendo a educação.

Assim, a luta dos estudantes e da comunidade LGBT se traduz em momentos de revolta e resistência na história brasileira. Dentre estes, podemos destacar a união dos dois movimentos ao se posicionarem na linha de frente contra a ditadura civil-militar que foi instalada em 1964.

Já em meados dos anos 1970, no auge da resistência contra a ditadura brasileira, o debate sobre os direitos das pessoas LGBTs explodiu nos Estados Unidos e colocou uma gigantesca lupa sobre o tema. O dia 28 de junho se tornou um marco e acendeu uma chama em cada LGBT ao redor do mundo.

A partir daí, iniciativas como a “Lampião

da Esquina” (1978) e a “ChanacomChana” (1981), ambas revistas clandestinas, progressistas e defensoras ferrenhas dos direitos LGBTs, fomentaram o debate na sociedade brasileira e cativaram uma resistência que cresceu progressivamente, defendendo o sonho de um país que abraçasse as diferentes formas de ser e amar, o que, conseqüentemente, exigia o fim da ditadura.

Na mesma época, o constante crescimento do movimento estudantil e sua resistência crítica à ditadura fez com que diversos estudantes tivessem suas vidas roubadas. Honestino Guimarães, Ieda Delgado, Edson Luiz e tantos outros se tornaram mártires para todos os estudantes brasileiros. A luta desses jovens contra a ditadura lhes custou a vida, mas ao mesmo tempo, inflamou a coragem de outros que batalharam para que hoje continuemos a lutar pela liberdade de todos e todas.

Todos esses acontecimentos, desde a formação de um movimento estudantil questionador até as grandes ondas de manifestação contra o regime ditatorial moldaram um movimento estudantil capaz de jogar luz sobre questões sociais

que estiveram sempre na sombra da mentalidade brasileira. Isso inclui e fortalece um movimento LGBT cada vez mais voraz na defesa de seus direitos de existir com dignidade e de formar suas famílias, empurrando para a sociedade reflexões necessárias para a construção de um Estado que seja minimamente democrático. Essa atmosfera construiu um movimento estudantil aberto, ativo e responsável com a vida do povo.

Com o passar dos anos e com o avanço da discussão LGBT em toda sociedade o movimento estudantil acompanhou o passo e a evolução de todo o tema. O nascimento do movimento LGBT no Brasil aconteceu pela construção de um projeto de politização que não pretende se restringir à uma reforma social, mas sim à construção coletiva de uma revolução.

Tendo essa certeza, da constante atualização do movimento estudantil informado e comprometido com as pautas do movimento LGBT, é uma verdade pontuar que durante todo o processo de conscientização com relação a pandemia de HIV/Aids, a construção e implementação de políticas públicas, a participação das comunidades universitárias teve grande peso e importância.

Em seguida, a luta que se arrasta desde as primeiras fagulhas do movimento LGBT volta a tomar forças: a defesa do direito a união entre os que se amam, luta que deu frutos em 2011, quando as uniões homoafetivas foram finalmente

reconhecidas pelo STF.

Assim também aconteceu com relação ao nome social nas universidades e instituições de ensino pelo país, as mobilizações do movimento estudantil e da sociedade civil garantiram que as conquistas com relação ao nome social acontecessem. Mas também, se arrastam até hoje, o debate de temas que o movimento estudantil sempre trava, como a situação de vulnerabilidade social de pessoas LGBTs e a falta de investimento dos Governos Federais nas políticas de assistência estudantil. Finalmente chegamos a 2020, quando o STF decide pela inconstitucionalidade da proibição de doação de sangue por homens que tenham relações homoafetivas, ação comemorada com muito orgulho pela comunidade acadêmica e LGBT de todo o Brasil. O movimento LGBT se traduz, portanto, na defesa dos amores, das diferentes formas de existir, no orgulho e luta por direito à uma vida digna, se somando e complementando as lutas anticapitalistas contra o racismo e o machismo.

Assim, celebrações como as festas do orgulho LGBT e as vitórias como as uniões homoafetivas são lufadas de ar em cada coração que luta por igualdades em direitos e deveres plenos para nossa sociedade. O movimento estudantil se reflete no movimento LGBT e luta para mudar mentes e corações, para mudar uma sociedade que tem obrigação em nos respeitar, respeitar nossas famílias e

nosso modo de viver.

**O movimento estudantil encontrou no movimento LGBT uma chama constante que não só queima forte como ilumina por onde passa. A luta LGBT é força motriz para aqueles que entendem a luta por vida e por futuro como uma só.**

O movimento estudantil jamais seria verdadeiramente emancipador e revolucionário sem a força e potência dos e das LBGTs que lutaram e lutam por um Brasil democrático para todos.

Sobre Ludmilla Brasil:

Sou Diretora LGBT da União Nacional Dos Estudantes e Secretária Geral do Diretório Central de Estudantes da Universidade de Brasília. Militante do Movimento Negro Unificado e do Coletivo Kizomba, estou nas lutas pelos direitos LBGTs e em defesa da Educação desde os meus 14 anos. Como mulher lésbica, negra e gorda, sei qual espaço deve disputar em nossa realidade e como nunca devo desistir.